



## CLUBES SOCIAIS NEGROS E AGÊNCIA EDUCADORA NEGRA NO SÉCULO XX: O GRÊMIO RECREATIVO E FAMILIAR FLOR DE MAIO

### SOCIAL, AID AND PLEASURE CLUBS AND BLACK EDUCATIONAL AGENCY: THE *GRÊMIO RECREATIVO E FAMILIAR FLOR DE MAIO*

Karina Almeida de Sousa<sup>1</sup>

#### RESUMO

Os Clubes Sociais Negros (CSN) desenvolveram atividades recreativas, culturais e assistenciais/beneficentes, por meio da realização de eventos como bailes, festas, além da arrecadação de fundos e provimento de recursos financeiros aos seus membros desde a Primeira República. O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, localizado em São Carlos/SP somou a essas atividades uma escola primária (1936-s/d). Com base em pesquisas documentais, que consideraram arquivos, registros fotográficos, e atas, proponho analisar os CSN, em específico o Flor de Maio, tanto como movimentos sociais que atuam na dimensão da cultura quanto da educação promovendo aquilo que Gomes (2017) define por agência educadora negra.

**PALAVRAS-CHAVE:** organizações negras, clubes sociais negros; agência educativa negra.

#### ABSTRACT

The Social, Aid and Pleasure Clubs (SAPC) had developed recreational, cultural and welfare / charitable activities. Those activities were linked with events such as balls, parties, in addition to fundraising and provision of financial resources to their members since the First Republic. The Gremio Recreativo e Familiar Flor de Maio, addressed in São Carlos / SP added to these activities an elementary school (1936-n/d). Based on documentary methodology, which considered archives, photographic records, and minutes, I propose to analyze the SAPC, specifically the Flor de Maio, both as social movements that act in the dimension of culture and as an educational, promoting what Gomes (2017) defines by black educational agency.

**KEYWORDS:** black organization, Social Aid and Pleasure Clubs, black educational agency.

#### INTRODUÇÃO

“O Movimento Negro é um educador” (GOMES, 2017, p. 13). Os clubes sociais negros (CSN), representam essa agência educadora por meio da organização, mobilização e articulação

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta de Sociologia da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e Professora Colaborada do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Possui doutorado sanduiche na *Georgia State University*- GSU (Atlanta/EUA) e é membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos -NEAB/UFSCar, do Grupo de Pesquisa Transnacionalismo Negros e Diáspora Africana e do Grupo de Pesquisa GRAFITE- Grupo de Pesquisa sobre Ação Afirmativa e Temas da Educação Básica e Superior. E-mail: [sousa\\_karina@yahoo.com.br](mailto:sousa_karina@yahoo.com.br); [sousakarina@mail.uft.edu.br](mailto:sousakarina@mail.uft.edu.br).



entre negros e, no caso do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, também da oferta de educação formal.

Os Clubes Sociais têm sua trajetória vinculada a história, a memória e a sociabilidade da população afro-diaspórica nas américas<sup>2</sup>. Na América Latina eles se distinguiram das demais organizações negras., incluindo clubes sociais de elite, como El Progreso (Santiago, Cuba); Club Atenas (Havana), La perla Negra (Santo Domingo), Kósmos (São Paulo) e outras, menos prestigiosas, porém mais numerosas as “sociedades recreativas” (Cuba, Uruguai) e os “clubes de dança” (Brasil); associações atléticas como a Alianza Lima (Lima) e a Associação Atlética São Geraldo (São Paulo), que patrocinavam times de futebol, competições de corrida e outros eventos; e organizações cívicas como a Federação dos Homens de Cor e o Centro Cívico Palmares, no Brasil, e o Directorio Central de las Sociedades de Color em Cuba. No limite entre os níveis inferiores da classe média negra e os níveis superiores do proletariado negro estavam as sociedades de ajuda mútua, como o Centro de Cocheros (Havana), a Sociedade Protetora dos Desvalidos (Salvador) e La Protectora e o Centro Uruguay (Buenos Aires); e na Argentina, no Brasil, em Cuba e no Uruguai (e talvez em outros países, onde a pesquisa extensiva sobre organizações negras da virada do século está por ser feita), uma ativa imprensa negra registrava as atividades desses grupos (ANDREWS, 2007, p. 160-161).

O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, vulgo “Flor de Maio”, localizado no centro geográfico do Estado de São Paulo, a cidade de São Carlos<sup>3</sup>, foi fundado em 04 de maio de 1928 exclusivamente por negros funcionários da Companhia Paulista (Fepasa)<sup>4</sup>. Os dados

---

<sup>2</sup> O artigo é fruto de dois trabalhos de pesquisa recém publicados. Uma monografia apresentada em 2019 ao curso de Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico do Programa de Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília, intitulada “Unir para festejar, unir para lutar: os clubes sociais negros e o patrimônio material do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio” e a tese “Corpo, transnacionalismo negro e as políticas de patrimonialização: as práticas expressivas culturais negras e o circuito afro-diaspórico “ defendida em 2020 no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos.

<sup>3</sup> O reconhecimento do “Flor de Maio” como patrimônio material e cultural no nível municipal ocorreu em 2011, pelo então prefeito Oswaldo Barba. Naquela ocasião o Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico de São Carlos (COMDEPHAASC) considerou o clube como patrimônio histórico e cultural do município. O clube social negro de São Carlos foi o primeiro do Estado a ser tombado. No ano de 2014 o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat) aprovou por unanimidade a abertura de estudos para o tombamento do “Flor de Maio” e de outros dois clubes do interior do estado, o Clube 13 de Maio, localizado no município de Piracicaba e o Clube Beneficente Cultural e Recreativo 28 de setembro, no município de Jundiá. Seguem reportagens sobre os temas: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/noticias-2011/160865-barba-anuncia-tombamento-do-flor-de-maio-unico-clube-social-negro-de-sao-carlos.html>, [http://www.saci.ufscar.br/data/clipping/imagens/30233\\_00.jpg](http://www.saci.ufscar.br/data/clipping/imagens/30233_00.jpg) acesso em 30 de agosto de 2017.

<sup>4</sup> O sociólogo Marcio Macedula realizou um trabalho sobre as organizações negras na cidade de São



que darão suporte as análises aqui realizadas foram coletadas e organizadas a partir das técnicas da observação participante e da pesquisa documental realizada na referida associação. Desde finais da década de 20 do século passado “as pedras” erguidas pelos antigos membros do “Flor de Maio” vem sendo palco, constituindo e sendo constituídas, como um espaço de sociabilidade da comunidade negra do estado. Hoje referência nacional, o clube abrigou uma escola para alfabetização de negros e brancos, reuniões deliberativas para a comunidade negra, até grandes eventos artísticos musicais. Bailes com personalidades da música negra brasileira como Jair Rodrigues e Leci Brandão. Entre as inúmeras trocas de diretoria e até mesmo a diminuição de atividades recreativas e culturais inerentes ao grupo, o clube se mantém ativo e a comunidade negra que se identifica no e com o clube busca estratégias das mais diversas matrizes para garantir sua manutenção.

### **Agência negra e movimentos sociais**

As estratégias de articulação da população negra, especificamente nas Américas, de modo geral, e no Brasil de modo específico, localizamos uma significativa diversidade de modelos de organização que incluem quilombos, irmandades religiosas, associações, sociedades e agremiações; blocos carnavalescos; escolas de samba; jornais; grupos teatrais; coletivos, blocos afro, manifestações políticas-artísticas como o hip-hop, o funk, o samba, etc., o Movimento de Mulheres Negras, Movimento Negro. Na perspectiva de Santos (*apud* GOMES, 2017, p. 22), “os movimentos sociais em uma concepção mais alargada englobam um conjunto de ações de mobilização política, de protesto antirracista, de movimentos artísticos, literários e religiosos (...) fundados e promovidos por negros (...)”. O deslocamento conceitual é tomado enquanto estratégia analítica para a ampliação do campo semântico que considera a multiplicidade de atores, modelos, demandas e estratégias, em sua maioria coletivas voltadas a organização da população negra. Neste âmbito, os clubes representaram, desde sua fundação, espaços de agência em uma sociedade racialmente dividida e estruturada na desumanização das práticas, conhecimentos e experiências de negros e negras.

Interpretados por uma vasta literatura das Ciências Humanas e, em específico das Ciências Sociais, como importantes agentes de transformação, os movimentos sociais marcam

---

Carlos, entre elas o Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio. Este trabalho é utilizado como uma referência para as análises propostas.



sua atuação junto a realidade brasileira. O papel desses movimentos no processo de abertura democrática, seja na articulação de base buscando construir estratégias de sobrevivência e resistência as restrições e perseguições impostas pelo regime militar, seja nas articulações para o fim daquele regime, ou ainda, anos antes, nas lutas por direitos trabalhistas, direito ao voto e as liberdades individuais, coube aos grupos organizados atuar na articulação por direitos relacionados a contextos nacionais e internacionais.

No que toca as organizações negras, como agentes políticos na diáspora africana, sua ação vincula-se as representações culturais produzidas a partir do elo, do deslocamento e da criação de novos sentidos marcados pela colonização dos africanos, em um primeiro momento, e depois dos próprios negros.

the cultural representations or life and its struggles. Not only did black people through the experiences of live and death, slavery and freedom, but they created representations of those experiences in song and literature, in Family practices, in dress, and in their spiritual life (MANNING, 2009, p. 22).

Os CSN articulam representações culturais por meio da música, da dança e de um modelo próprio de organização. Um modelo mais comunitário do que individual. A data de fundação dos Clubes também varia relativamente, indicando que eles surgiram a partir do final do século XIX, por volta de 1870, até meados do século XX. Segundo Escobar (2010, p. 57), a origem dos Clubes Negros é anterior a Abolição da Escravatura (1888), sem deixar de estar diretamente relacionada a seu contexto. A informação pode ser verificada a partir da data de surgimento do Clube Sociedade Floresta Aurora<sup>5</sup>, que segundo registros, remonta ao ano de 1872. No artigo, analiso o período entre 1920 a 1937.

Nas Américas e na Europa a escravidão dos povos africanos representou um sistema em que a origem racial/étnica concedia ou retirava o *status* de humanidade. No Brasil, o contexto abolicionista orientou novas formas de organização dos sujeitos da diáspora, configurando inclusive a maior diáspora de povos africanos nas Américas. Além de ser o último país das Américas a abolir a escravidão negra, o Brasil, devido ao contingente de negros africanos

---

<sup>5</sup> Batista (2015, p. 130) ao se referir a dinâmica do Clube Sociedade Floresta Aurora retoma essa abordagem “A Sociedade Beneficente Floresta Aurora prestava assistência aos associados de baixa renda inclusive com auxílio funeral. Todavia, os bailes, festas jovens e carnaval, carnaval infantil, baile do chope, atividades esportivas, além das apresentações culturais eram destaques nas atividades mais procuradas”.



escravizados e a ideologias e políticas orientadas pela democracia racial, é hoje o país com maior número de negros fora do continente africano, sendo que mais da metade da sua população é descendente de povos africanos. Naquele contexto a possibilidade de mobilidade social, propiciada por uma inclusão periférica, na sociedade de classes orientou a construção de organizações políticas e espaços de sociabilidade como os clubes.

Logo, ao surgirem como agrupamento dos negros criaram formas de sociabilidade e influíram nas condições que determinariam a eclosão dos movimentos sociais com recorte racial (BASTIDE; FERNANDES, 2008, p. 231). Assim como a imprensa negra, as associações também empreenderam ações que obtiveram êxito no sentido de " fazer do negro um participante ativo" no que diz respeito às discussões em torno da realidade racial brasileira, provocando uma dada atuação consciente em sua própria história (BRAGA, 2015, p. 87).

### **Clubes Sociais Negros e agência educadora**

O desenvolvimento do processo industrial e o intenso fluxo migratório europeu durante o pós-abolição configurou parte do cenário para a emergência de um modelo de estratificação social baseada no capital, que promoveu transformações no modelo de participação da população negra no país. Se por um lado, o contexto sócio histórico e político colocara fim aos impedimentos formais para a integração da população negra, por outro, restrições quanto ao acesso a direitos e bens antes destinados aos "homens livres" trouxeram a reflexão sobre o modelo de participação dos negros na nova organização social.

De acordo com Munanga (2004a, p. 54), o pós-abolição, concomitantemente à Proclamação da República, promoveu a rediscussão da identidade nacional, que teve dentre suas principais preocupações a emergência de uma nova categoria de cidadãos: os escravizados negros, e ainda orientou os debates em torno da construção de uma identidade nacional homogênea. Debate promovido por médicos, advogados e intelectuais sob preceitos eugênicos. Segundo Diwan (2007), na obra *Raça Pura*, na América Latina houve uma grande preocupação com a formação de uma identidade nacional<sup>6</sup>, decorrente, principalmente, da

---

<sup>6</sup> Os preceitos da ideologia eugênica foram aplicados em diversos países, entre eles: Alemanha, Itália, Dinamarca, Suécia, Noruega, Finlândia, Japão, China, Estados Unidos, México, Argentina, Brasil (DIWAN, 2007).



busca pelo *status* de Estado-Nacional, o que tornara necessário suprimir aquilo que relacionara o continente ao atraso e a ausência: a miscigenação<sup>7</sup> (DIWAN, 2007, p. 85).

Para Medeiros (2013, p. 225), a ideia de crise social, a partir da abolição e do fim do regime monárquico, atuou como um princípio heurístico se pensado no contexto de uma sociedade em transição, de uma cidadania precária e de uma revolução burguesa incompleta. Esta seria a tese de Bastide e Florestan na obra *Branços e Negros em São Paulo*(1955), já que os autores direcionaram a investigação sociológica para o questionamento da efetividade dos processos abolicionistas e republicanos como ações voltadas a modernização social. Questionaram, ainda, o grau de emancipação que poderia ser alcançado pelos grupos subalternos e ainda as possibilidades dadas e forjadas pela população negra de superação do seu ponto de partida desvantajoso e socialmente desigual.

a desagregação do antigo regime servil e da velha ordem escravocrata se processou na razão inversa à efetividade da igualdade jurídica entre ex-senhores e ex-escravos. Elementos residuais do antigo regime- por exemplo, o preconceito de cor-regravam as relações entre brancos e negros na aparente ordem social competitiva, impedindo-a de se realizar plenamente. [...] O preconceito [de cor] é igualmente provocador de reações, como os movimentos associativos entre negros, manifestações explícitas entre brancos etc. (MEDEIROS, 2013, p. 227).

A expansão econômica que se pautava nas exportações e na ideologia do racismo científico, em voga desde o século XIX, instaurou uma situação contraditória pois a medida em que a população negra ascendia economicamente essa ascensão não representava acesso aos espaços destinados à classe média, ou seja, conviviam com a recusa à admissão em restaurantes, teatros, barbearias, hotéis e outros estabelecimentos públicos; recusa em escolas particulares (e às vezes de prestigiadas escolas públicas) para matricular seus filhos; recusa dos clubes sociais em admiti-los; e, mais prejudicial que tudo, a discriminação aberta ou velada do emprego (ANDREWS, 2007, p. 160).

Os registros atuais<sup>8</sup> localizam os Clubes Sociais Negros, majoritariamente, no Sul e Sudeste, tanto nas capitais quanto nas cidades do interior. As pesquisas sobre o tema têm se

<sup>7</sup> Miscigenação, a mestiçagem no sentido biológico, volta-se à hibridez do patrimônio genético (MUNANGA, 2004, p. 20).

<sup>8</sup> O levantamento preliminar foi realizado com base nos dados apresentados na Dissertação *Clubes Sociais Negros: lugares de memória, resistência negra e patrimônio e potencial* de autoria de Giane Vargas Escobar (2010) e dados disponíveis na página oficial do Clube Palmares



concentrado na análise dos CSN do Rio Grande do Sul<sup>9</sup> (DUBOIS, 2005; ESCOBAR, 2010, GOMES, 2009; HERMANN, 2011; JESUS, 2005; SILVA, 2011; PEREIRA, s.d.). Os clubes são definidos na literatura atual a partir de três categorias: associações recreativas, assistenciais/beneficentes e culturais, passando pela caracterização de seu público, a motivação das organizações e, por fim, pelo caráter delas.

Os Clubes Sociais Negros são espaços associativos do grupo étnico afro-brasileiro, originários da necessidade de convívio social do grupo, voluntariamente constituído e com caráter beneficente, recreativo e cultural, desenvolvendo atividades num espaço físico próprio (Oliveira *apud* Escobar, 2010, p. 61).

Por estarem relacionados ao contexto da Primeira República, eles são tidos como propulsores do associativismo negro. Adotando a perspectiva de análise desenvolvida por Bastide e Fernandes na obra *Branços e Negros em São Paulo*, aponta-se tanto para o grau de emancipação, quanto as possibilidades construídas pela população negra de superação das desigualdades promovidas pelo racismo. Segundo os autores, a principal queixa da população negra no novo contexto se referia ao que poderíamos chamar de "pecado da omissão", ou seja, "a falta de política governamental a favor da ascensão do homem de cor na sociedade, por um auxílio econômico e medidas educativas apropriadas, quando há tantas leis a favor dos imigrantes" (BASTIDE e FERNANDES, p. 2008, p. 155).

O novo sistema político e econômico não foi capaz de assegurar ganhos materiais ou simbólicos para a população negra, logo, como estratégia de reversão da permanente marginalização, ou da manutenção das ausências do Estado frente ao atendimento as necessidades dessa população, "libertos, ex- escravos e seus descendentes instituíram os movimentos de mobilização racial negra no Brasil criando inicialmente dezenas de grupos (grêmios, clubes ou associações) em alguns estados da nação" (DOMINGUES, 2006, p. 102-103).

Os Clubes implementaram estratégias para o enfretamento e a superação das "omissões"

---

(<http://clubepalmares.blogspot.com.br/p/clubes-negros-brasil.html>). O levantamento referente aos Clubes Sociais localizados na região Sudeste poderá ser observado nas páginas que seguem, já para o levantamento dos Clubes localizados nas demais regiões indica-se o acesso as fontes supracitadas.  
<sup>9</sup> O Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria tem realizado pesquisas de considerável relevância para a temática.



perpetradas pelo Estado. Essas ações localizam-se entre atividades outrora desenvolvidas, como, por exemplo, a ajuda mútua realizada entre os membros, a ação dos clubes no amparo a membros desempregados e a viúvas, além da oferta da educação formal, conforme ocorreu no Flor de Maio.

A possibilidade de mobilidade social e conseqüentemente ascensão por meio do trabalho remunerado alterou as demandas de parte desta população. De acordo com Escobar "os trabalhadores negros, que fundaram os primeiros Clubes Sociais Negros no período pós-abolição e até mesmo anteriores a este, eram oriundos de profissões e empresas, em especial públicas, que viabilizaram mobilidade social aos negros"(2010, p. 70). No contexto de exclusão e negação de suas origens e valores, os Clubes surgiram como "possibilidade de romper com a sociedade ao fundar os próprios espaços de sociabilidade, solidariedade e defesa de direitos" (ESCOBAR, 2010, p. 73).

As associações negras passam então a realizar atividades culturais como bailes, festas de aniversário, festas de casamento e desfiles de miss, além de auxiliar nas despesas de funerais, na educação de seus associados e na defesa de seus direitos. Os espaços de atuação dos clubes indicam que muitas das suas iniciativas visavam minimizar a ausência do Estado no atendimento aos direitos básicos da população negra no período pré e pós abolição, como já descrito.

Tais afirmações podem ser constatadas em diversas pesquisas como, da antropóloga Sonia Giacomini (2006). A partir das categorias utilizadas para tipificar os clubes compreendemos a existência de similaridades entres eles, no caso, entre as atividades por eles desenvolvidas. De acordo com Giacomini

A criação do clube [Renascença] representou, para o grupo social fundador o nascimento de um novo espaço de sociabilidade. Tudo estava para ser inventado, mas sobretudo, era necessário imprimir à vida social do clube as marcas que o grupo reconhecia e pretendia afirmar como suas (2006, p. 32).

Os CSN, enquanto espaços de sociabilidade negra e agência política, por meio de bailes, reuniões, atividades educacionais e políticas construíram elementos essenciais para os processos de identificação dos sujeitos negro e de educação para a valorização de práticas culturais, estratégias de reconhecimento e valorização. As contribuições desses espaços para os processos



de identificação enfatizam o processo de subjetivação das “n” identificações passíveis de serem atribuídas ou adotadas pelo sujeito em meio social (HALL, 2008). Segundo Hall (2005, p. 38), “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”, tão logo, o clube circunscrito em sua sede demarca um espaço tanto geográfico como simbólico, de reconhecimento, afirmação e aprendizagem para a comunidade negra.

Uma das entrevistas realizadas por Aguiar (2007) sobre a formação do Flor de Maio permite-nos compreender a relevância da associação para a população negra da região

Foi exatamente a 4 de maio de 1928 que foi fundado o Grêmio Recreativo Familiar Beneficente Flor de Maio. Homens e mulheres do povo queriam se organizar, ter o seu local de lazer, centro social que os reunisse, território somente deles. Ali fariam as suas festas, comemorariam suas alegrias, mas também, compartilhariam em comum agruras e tristezas<sup>10</sup>(AGUIAR, 2007, p. 93).

Os clubes não apenas retomam a um passado longínquo, remontam também a memória de período áureos em que a comunidade negra construiu o que viria a ser o “seu lugar”. Um lugar valorizado e reconhecido por membros e não membros. Gilroy (2012), orienta a análise de que os clubes remontam uma memória viva como uma espacialidade reconhecida como parte de uma comunidade, de uma história marcada pela resistência e pela produção cultural. De acordo com Halbwachs (2003, p. 159-160), os locais recebem a marca dos grupos que nele ocupam e vice e versa, tanto as ações dos grupos podem ser traduzidas em referência ao espaço, como o espaço ocupado pelo grupo só alcança seu significado com a reunião de todos os termos. O autor segue afirmando

Se, entre as casas, as ruas e os grupos de seus habitantes houvesse apenas uma relação muito acidental e de curta duração, os homens poderiam destruir suas casas e bairro, sua cidade, e reconstruir em cima, no mesmo local, uma outra cidade, seguindo um plano diferente- mas as pedras se deixam transportar, não é muito fácil modificar as relações que se estabelecem entre as pedras e os homens. [...] os grupos resistirão e, neles, você irá deparar com a resistência, se não das pedras, pelo menos de seus arranjos antigos (HALBWACHS, 2003, p. 163)

---

10 O trecho em destaque se refere a um depoimento dado ao Jornal *A Folha*, em São Carlos no dia 2 de março de 1973, p. 6.



Podemos inferir que a existência de espaços de socialização voltados a população negra foi fundamental enquanto forma de resistência e enfrentamento do racismo e valorização dos conhecimentos e da agência da população negra. O reconhecimento dos clubes como espaços de negociação entre o apagamento, a subalternidade, a resistência, e o enfrentamento marcam sua importância junto à comunidade negra como um agente educador. Ao considerarmos que as experiências de negros e negras no Brasil é uma experiência coletiva, na qual o compartilhamento de vivências é constitutivo com e pelo grupo, é possível redimensionar a tradição a partir do questionamento da própria dimensão da modernidade (GILROY, 2012).

A construção de espaços próprios de sociabilidade e ajuda mútua propiciou o convívio entre “iguais” a partir de determinados estratos sociais, e costurou pontos de tensão entre as ideologias eugênicas, parcialmente substituídas pela democracia racial. Em sua maioria os clubes receberam negros e negras pertencentes a uma classe média negra, constituindo uma diferenciação interna como prerrogativa, ou seja, os clubes constituíram-se como espaços de associação e de diferenciação.

A tensão entre aspectos eugênicos, que buscavam homogeneidade à identidade nacional, e as associações negras realizava-se por intermédio dos espaços e das dinâmicas, como por exemplo a forma de ocupação da cidade. A sede dos clubes, majoritariamente, localizava-se em espaços centrais da rede urbana, como o caso do Flor de Maio, ou ainda salões nobres eram alugados para a realização de bailes de gala promovidos pelos CSN. Tais práticas tencionavam ao mesmo tempo em que dialogavam com uma suposta homogeneidade que atribuída a identidade nacional a partir do apagamento dos elementos de identificação étnicos e raciais.

De acordo com Figueiredo (2002, p. 31), os estudos brasileiros clássicos (Pierson e Azevedo) demonstraram que no Brasil só era possível ascender a partir da negação da identidade negra e da assimilação de valores e comportamentos brancos. A observação de Figueiredo indica que os Clubes representaram espaços de sociabilidade da parcela economicamente emergente da população negra atravessados por traços da população branca. A reprodução desses traços legitimou um lugar de classe. Lugar legitimado em detrimento de uma parcela da população negra empobrecida e marginalizada.

Assim como muitos dos clubes formados no início do século XX, o Flor de Maio foi em seus anos iniciais um clube exclusivo para negros e negras no que compete a seus membros e diretoria. Os clubes tornaram-se locais de lazer, mas não se restringiram a atividades

recreativas, o Flor de Maio, além das atividades recreativas que compreenderam bailes, jantares, comemorações de aniversário e casamento, garantia a seus membros apoio funerário, de saúde e manutenção de auxílio monetário para os membros desempregados. No ano de 1937 com apoio da prefeitura da cidade de São Carlos, que cedeu o corpo docente, o clube instituiu uma escola em sua sede. A escola esteve em plena atividade durante cerca de oito anos, tendo recebido tanto alunos brancos como negros.

**Figura 1:** Grupo de jovens e crianças integrantes do Grêmio Familiar e Recreativo Flor de Maio.



**Fonte:** GR Flor de Maio/Arquivo Histórico/Reprodução “Café, Indústria e Conhecimento – São Carlos, uma história de 150 anos”, s/d

A escola ocupou as dependências do clube entre 1934 a 1936, sendo coordenada pelo próprio clube. A partir de 1936 a prefeitura do município de São Carlos nomeou professores para que oferecessem cursos noturno (CONSELHO MUNICIPAL DE DEFESA DO PATRIMÔNIO HISTÓRIA, ARTÍSTICO E AMBIENTAL DE SÃO CARLOS-, 2011, p. 05).

A educação tem sido um tema recorrente e frequente entre as diversas entidades e organizações da população negra. Não por outra razão a educação é pauta das organizações negras desde seus primórdios (GONÇALVES & SILVA, 2009;2000). Pois bem, essa preocupação estava incorporada também entre a diretoria e sócios do Flor de Maio tendo constituído um terreno fértil para a criação da escola. De acordo com Aguiar (1998, p. 53) a ata



de 20/07/1934 indicou que as aulas no clube teriam início no primeiro dia de outubro deste mesmo ano.

Segundo relatos apresentados por Aguiar (p. 53, 1998) em uma ata de 24/01/1936 é possível localizar a leitura de um ofício enviado pela prefeitura do município nomeando um professor para o curso noturno. As datas exatas de abertura e fechamento da escola bem como as razões para seu fechamento permanecem uma incógnita em vários dos documentos referenciados por esta pesquisa. Dona Gabriela Zanollo atuou como professora na escola em 1937, nomeada pela prefeitura do município.

foi uma escola muito boa, eu gostei demais, a gente boa, eles varriam aquela sala, deixavam tudo na perfeição, Tratavam de tudo. Foi muito bom...eram uns 38, mais ou menos, era uma de manhã e uma à tarde. O Flor de Maio que dava a sala para nós, de graça. A prefeitura não pagava, eles davam de graça e punham as professoras lá. Então a gente arrebanhava todas aquelas crianças da redondeza e nós ensinávamos (AGUIAR, 1998, p. 53).

Dentre outras atividades de cunho educativo localizamos a realização de um ciclo de conferências sobre a situação do negro na sociedade brasileira, no qual foram debatidos três temas: a transição de escravo a cidadão, a marginalização do negro no mercado de trabalho, e a situação da mulher negra. Essas atividades contrastam diferentemente com estereótipos que atribuíram a estas atividades papéis recreativos desvinculados dos aspectos políticos.

Como descrito, os Clubes Sociais ganham notoriedade e cresceram em número, a partir da primeira república, período no qual se configurariam políticas voltadas ao aprimoramento da raça. Destacarei algumas dessas medidas, principalmente no que toca a educação. Jerry Dávila (2006), a partir da obra *Diploma de Brancura* examinou as políticas públicas brasileiras que expandiram e reformaram o sistema educacional, particularmente no Rio de Janeiro da primeira metade do século XX. O autor reconheceu na elaboração e na execução das políticas pressupostos que levariam a desvantagens raciais entre os brasileiros não brancos e pobres. De acordo com o autor, as políticas educacionais da época foram elaboradas em concordância com as ideologias eugênicas. Ideologias essas que visavam “corrigir” diferenças por meio de um modelo educacional direcionado aos segmentos supracitados outorgando-lhe um diploma de brancura (SELLES, 2007, p. 02). Segundo Dávila (2006, p. 22), as escolas foram definidas como clínicas em que os males nacionais associados à mistura de raças poderiam ser curados.



O período analisado pelo autor tem início em 1917 e fim com o Estado Novo, em 1945. Os intelectuais que conduziram a expansão e a reforma educacional do país apresentavam como pressuposto o fato de que grande parte da população pobre e negra possuía características que as direcionariam à degeneração, isto é, esses sujeitos estariam condicionados, devido a heranças de seus antepassados, a transmitirem a seus filhos sua “condição inferior”, logo, acabariam enfraquecendo a nação. A leitura de Dávila (2006) do processo de expansão da educação pública no país sugere que àquele agrupamento da população escolarizada corresponderia a institucionalização das desigualdades raciais e sociais (DÁVILA, 2006, p. 13).

O autor também afirma que os dirigentes da educação pública do período não impediram que os alunos negros frequentassem a escola, pelo contrário, buscaram a presença deles por meio de uma série de projetos e expressões que visaram tornar a escola pública acessível aos brasileiros pobres e não brancos, parcela da população que até a virada do século fora excluída dos projetos educacionais. Essa alteração ocorreu com o objetivo de aperfeiçoar a raça, ou seja, de construir uma “raça brasileira” que seria saudável, culturalmente europeia, em boa forma física e nacionalista (DÁVILA, 2006, p. 21).

Ainda de acordo com Dávila (2006), partir da década de 1920 esse movimento ganhou relevância e coesão. Os reformadores passaram, então, a trabalhar com um propósito comum em todas as regiões do país. Após a Revolução de 1930, que conduziu Getúlio Vargas ao poder no ano de 1934, foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública, mais tarde nomeado Ministério da Educação e Saúde (MES). A política educacional nacional foi reorientada, passando então a priorizar a consolidação das reformas e a expansão dos sistemas escolares (DÁVILA, 2006, p. 33).

Como afirma o autor, na década de 1930 os brasileiros brancos podiam celebrar a salvo a mistura racial porque a viam como um passo inevitável à evolução da nação. A brancura encarnava as virtudes desejadas de saúde, cultura, ciência e modernidade. Educadores como o ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, e até mesmo o psicólogo infantil Manoel Lourenço Filho, passando pelo compositor Heitor Villa-Lobos, pelo autor de livros didáticos de História, Jonathas Serrano, e pelo antropólogo Arthur Ramos, adotaram, explicitamente, essa visão sobre a raça no país. Naturalmente, para eles, o futuro do Brasil seria composto por uma população branca (DÁVILA, 2006, p. 25-26).



Com a manutenção das ideologias eugênicas no período entre guerras, desejou-se que as escolas fornecessem aos alunos os recursos de saúde e cultura básicos que proporcionassem, independentemente da cor, a categoria social de brancos. Sendo assim, todos os envolvidos na formulação das políticas educacionais da época, educadores e políticos, não pouparam seus esforços na tentativa de livrar o país dos riscos da negritude e da degeneração (DÁVILA, 2006, p. 28). A manutenção das desigualdades raciais culminou então na fusão dos movimentos relacionados à reforma educacional e ao pensamento racial predominante naquele momento.

Os CSN passam a se organizar e obter maior relevância coincidindo com o período de arranjo político e institucional eugênico, o que os torna espaços nevrálgicos para uma interpretação das organizações negras como agentes educadores. Ou seja, os clubes, muitas vezes pensados como espaços de lazer, desvinculado da ação política, expressaram espaços de trânsito e resistência à lógica imposta à época.

A sociabilidade da comunidade negra estaria atrelada aos clubes enquanto espaços de negociação e resistência diaspóricos. Para Bhikhu Parekh (2000, p. 219), a cultura se articula em diversos níveis desde os níveis mais básicos refletidos na linguagem, na sintaxe e no vocabulário utilizado para escrever e compreender o mundo, mas também no nível dos provérbios, mitos, rituais, símbolos, memórias coletivas, linguagem corporal, formas de comunicação linguísticas, costumes, tradições, instituições e formas de saudações. A cultura estaria atravessada por um conjunto de significações que a teoria desenvolvida segundo os parâmetros da racionalidade/lógica ocidental não aporta. As culturas latinas, como o caso brasileiro, sob influências dos grupos negros, modulam formas de ser e agir. A ideia de modernidade construída para os países colonizados parte da oposição entre a negação da presença nativa e africana em um contexto complexo e diverso de elaboração de sentidos e significados a partir da cultura, tão logo o autor nos propõe deslocar a questão da cultura a partir das ações dos novos movimentos sociais a partir da emergência de grupos que buscavam a positivação de uma representatividade sobre a comunidade negra, como o caso dos CSN.

O envolvimento das entidades negras com a educação formal e não formal, manifesta a percepção destes grupos pela educação como elemento fundamental de mobilidade social. O envolvimento dos Clubes com a alfabetização de ex-escravizados, com a criação de espaços de sociabilidade e de fortalecimento da identidade negra demonstra a atuação dos grupos para além de suas atividades recreativas e culturais, também como modelos de associativismo com vistas



ao enfrentamento e superação do "lugar do negro" por meio da educação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação é, historicamente, uma das pautas centrais das organizações negras nos diferentes momentos da sociedade brasileira, dos quais destaco a atuação do Movimento Negro na aprovação da Lei 10.639/03 e da Lei 12.711/12. Para além do importante papel que os CSN desempenharam quanto a construção de espaços próprios de sociabilidade, solidariedade e agência política, a articulação para a recuperação e reconhecimento dessas associações no século XXI tem mostrado como a manutenção da memória e a (re) significação das práticas desenvolvidas compondo um capítulo da agência política negra no país.

De acordo com Gonçalves e Silva (2000, p. 139) "As organizações desempenham vários papéis no interior da população negra[...] se configuram como instâncias educativas, na medida em que os sujeitos que participam delas as transformam em espaços de educação política". Logo, não é por acaso que a demanda e o reconhecimento da necessária expansão quantitativa e qualitativa da educação, de modo equânime, atravessa o percurso das organizações negras assim como o reconhecimento dos clubes quanto as suas contribuições simbólicas e materiais.

A alteração da LDB no ano de 2003, seguida da aprovação do Parecer CNE/CP3/2004, da Resolução nº1, de 17 de junho de 2004 com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana em todos os níveis de ensino público e particular, somado ao Parecer (BRASIL, 2004) elaborado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva garante, no plano formal, a implementação de políticas de reparação, reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade de afro-brasileiros e africanos.

As Diretrizes Curriculares Nacionais ofereceram uma resposta à necessidade de aprimoramento das políticas universais comprometidas com a garantia do direito à educação de qualidade para todos e todas. Constitui, também, uma resposta à demanda da população afrodescendente para a efetiva implementação de metas e ações, em acordo com as disposições da Declaração e Plano de Ação de Durban (2001), documento internacional de que o Brasil é signatário, em direção a uma mudança qualitativa no seu sistema de ensino (MEC/MJ/SEPPPIR/ONU, 2008, p. 12).



Após um longo histórico de reivindicação das organizações negras por reconhecimento e valorização, a aprovação do parecer responde, formalmente, as demandas da academia e do movimento negro, como se pode constatar na citação abaixo,

Trata, ele [o parecer], de política de curricular (sic.), fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira, e busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros. Nesta perspectiva, propõe a divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial – descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada.

É importante salientar que tais políticas têm como meta o direito dos negros

se reconhecerem na cultura nacional, expressarem visões de mundo próprias, manifestarem com autonomia, individual e coletiva, seus pensamentos. (BRASIL, Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro brasileira e africana, 2004, p. 06).

A organização de dois encontros nacionais do movimento clubista resultou na formação da Comissão Nacional dos Clubes Negros do Brasil. A rearticulação dos Clubes Sociais e Sociedades Negras, demarcada pelos dois encontros nacionais e em especial pela publicação da Carta de Santa Maria (2006). Somam-se a emergência de uma série de trabalhos (dissertações, teses e artigos)<sup>11</sup> que visam analisar em diversos aspectos os Clubes e Sociedades Negras no Brasil.

A partir daquele momento, estabeleceu-se um acordo de cooperação técnica entre IPHAN, SEPPIR e Fundação Cultural Palmares (FCP) que visou elaborar um levantamento preliminar sobre os clubes. O mapeamento<sup>12</sup>, divulgado no ano de 2011 e ainda não publicado - tem como finalidade o conhecimento da história negra, bem como o reconhecimento de tais

---

11 Sobre pesquisas relacionadas aos Clubes e Sociedades Negras indica-se a leitura das seguintes referências: ESCOBAR, 2010; HERMANN, 2011, JESUS, 2005; SILVA, 2011, DOMINGUES, 2010.

12 De acordo com as informações publicadas na página oficial da SEPPIR serão realizadas entrevistas com representantes dos clubes para reunir informações sobre a situação dos locais, os sentidos e significados atribuídos a eles, suas áreas de atividades, histórico de atuação, entre outros temas. O IPHAN tem interesse na realização desse mapeamento devido à solicitação de Registro dos Clubes Sociais Negros do Brasil. Pedido entregue ao Instituto em 2009 pela Comissão Nacional de Clubes Sociais Negros – criada no I Encontro Nacional de Clubes e Sociedades Negras.



espaços com vistas ao cumprimento das orientações contidas nas Diretrizes que orientam a implementação da Lei 10.639/03, assim como facilitar as ações voltadas a manutenção da memória destas entidades.

Segundo o ex-ministro da SEPPIR Edson Santos “A existência de clubes sociais negros é a prova da existência da segregação no período posterior à abolição. O papel da SEPPIR é articular a recuperação da história dessas agremiações, promover a recuperação do seu patrimônio e dialogar com os clubes com o objetivo de dotá-los de sustentabilidade, sem traço paternalista do Estado”. O mapeamento pretende viabilizar ações voltadas a manutenção da memória destas entidades<sup>13</sup> por meio da manutenção dos espaços físicos, assim como de outras ações que buscam reconhecer as práticas realizadas nos clubes.

A ação política dos clubes, enquanto agentes educadores, pode ser lida como uma ação em rede. A ação educacional dos clubes esteve vinculada a alfabetização de seus membros, e a construção de espaços de reconhecimento, valorização e afirmação de negros e negras dentro de uma sociedade orientada por princípios eugênicos, que ao utilizar-se de medidas consideradas igualitárias, em detrimento da equidade, manteve estruturas desiguais em todos os âmbitos da vida.

No cenário em que o processo social e político de construção do Estado-Nacional políticas de desagregação, desterritorialização e marginalização dos elementos capazes de contribuir para a identificação dos sujeitos negros afim de homogeneizá-los, os espaços associativos voltados ao desenvolvimento de atividades educacionais formais, mas não restritos a elas, atuaram como um espaço de agência, tensão e de negociação em relação a lógica perpetrada na Primeira República.

Pós- contemporâneas, as culturas negras vivem um processo de recriação cultural diverso e cosmopolita baseado na troca de informações entre repertórios artísticos, comportamentais e ideológicos moldados em combinações particulares nos diversos portos do “mundo grego” (GUERREIRO *apud* APPIAH, 1997, p. 250).

---

13 Segundo o ex-ministro da SEPPIR, Edson Santos, “A existência de Clubes Sociais Negros é a prova da existência da segregação no período posterior à abolição. O papel da SEPPIR é articular a recuperação da história dessas agremiações, promover a recuperação do seu patrimônio e dialogar com os clubes com o objetivo de dotá-los de sustentabilidade, sem traço paternalista do Estado”.



Gilroy (2002, p. 114-116) destaca a autonomia de organizações negras como possibilidades de desmantelamento do racismo institucional e ideológico, logo a possibilidade de compreender as associações enquanto espaços de auto-organização da comunidade negra, como espaços de sociabilidade e estabelecimentos de comunidades a partir do reconhecimento das barreiras construídas pelo racismo, figuram como espaços de entrelaçamento e produção de sentidos particulares e aprendizados coletivos, a um mesmo tempo remetidos a modos de ser e estar da diáspora africana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Marcio Mucedula. **Os clubes Negros e seu papel na constituição da identidade e movimento negro: a história do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio em São Carlos-SP**. InterAÇÕES- Cultura e Comuidade/v.2. n.2 p. 91-105/ 2007

ANDREWS, George Reid. **"Uma transfusão de Sangue Melhor": O branqueamento, 1880-1930. América Afro-Latina:1800-2000**. São Paulo: EDUFSCar, 2007, p. 151-186.

BASTIDE, Roger.; FERNANDES, Florestan. **Bancos e Negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana**. São Paulo: Global, 2008.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988**. In: *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, 5 de outubro de 1988. Seção 1, p. 1.

\_\_\_\_\_. **Edital de Mapeamento dos Clubes Sociais Negros**. Disponível em:<<http://www.brasil.gov.br/cultura/2014/03/clubes-sociais-negros-serao-mapeados-em-todo-o-pais>> Acesso em 31 de agosto de 2015.

\_\_\_\_\_. **Entrevista Ministro SEPPPIR**. Disponível em:<<http://www.seppir.gov.br>> Acesso em 31 de agosto de 2015.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira" e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Legislativo, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Seção 1, p. 1.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Legislativo, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27833.



BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer nº 003, de 10 de março de 2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.** *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 19 maio 2004. Seção 1, p. 11.

BATISTA, Rita de Cássia Souza. **Os Clubes negros na espacialidade urbana de Juiz de Fora.** 2015. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará., 2015, Ceará.

BENJAMIN, Walter. **Experiência e Pobreza e O Narrador. Considerações sobre a obra de Nokolai Leskov.** In. Walter Benjamin. *Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política.* São Paulo: Brasiliense, 1994.

BESSERER, Frederico. **Identidade Nacional, Identificação e Corpo.** In. Brasília Sallum Júnior... [et al.] orgs. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2016.

BRAGA, Amanda. **Retratos de uma beleza castigada (século XVIII- 1888). História da beleza negra no Brasil: discurso, corpos e práticas.** São Carlos: EDUFSCar, 2015, p.29-84

\_\_\_\_\_. **Retratos de uma beleza moral (1888-1995). História da beleza negra no Brasil: discurso, corpos e práticas.** São Carlos: EDUFSCar, 2015, p.85-206.

CONSELHO MUNICIPAL DE DEFESA DO PATRIMÔNIO HISTÓRIA, ARTÍSTICO E AMBIENTAL DE SÃO CARLOS-comdephaasc. **Resolução nº 05 de 02 de março de 2011.** São Carlos, 01 março de 2011.

DÁVILA, Jerry. **Diploma de brancura: política social e racial no Brasil - 1917-1945.** Tradução Claudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

DIWAN, Pietra. **Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no Mundo.** São Paulo: Contexto, 2007.

DOMINGUES, Petrônio. **Esses intemoratos homens de cor: o associativismo negro em Rio Claro(SP) no pós-abolição.** *Revista História Social*, nº 19, p. 109-134, segundo semestre de 2010.

\_\_\_\_\_. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos.** *Tempo*, Niterói, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007.

\_\_\_\_\_. **Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro (1888-1930).** *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 34, nº 67, p. 251-281, 2014.

ESCOBAR, Giane. **Clubes Sociais Negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial.** 2010. 205f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, 2010.



\_\_\_\_\_. **Museu Treze de Maio e as Políticas Públicas a favor da Preservação da Memória e Salvaguarda dos Clubes Sociais Negros do Brasil.** In: SOARES, A. L. R. (org). Anais do I Congresso Nacional Memória e Etnicidade, Casa Aberta Editora, Itajaí, 2010. ISSN: 21784981.

FIGUEIREDO, Ângela. **Novas elites de cor: estudos sobre os profissionais liberais negros de Salvador,** São Paulo, Annablume, 2002.

GIACOMINI, Sônia. **A Alma da Festa: Família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro. O Renascença Clube.** Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro.** São Paulo: Editora 34. Rio de Janeiro.2012

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira.; SILVA, Petrônilha Beatriz Gonçalves **Multiculturalismo e educação: do protesto de rua a propostas e políticas.** *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29,n. 1, p. 109-123, jan./jun. 2009.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira.; SILVA, Petrônilha Beatriz Gonçalves **Movimento negro e educação.** *Revista Brasileira de Educação.* Rio de Janeiro, n. 15, p. 134-158, Dec. 2000.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador. Saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis: Vozes.2017.

HALL, Stuart. **Pensando a Diáspora: reflexões sobre a terra no exterior; Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p.25-48.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro. 2003

MANNING, Patrick. **Diaspora: Struggles and connections. IN. The African diaspora: a history through culture.** Chichester, New York. Columbia University Press. 2009

MUNANGA, Kabenguele. **A mestiçagem no pensamento brasileiro.** In: \_\_\_\_\_. Identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004a. p. 53-90.

\_\_\_\_\_. **Conceito e história da mestiçagem.** In: Identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004b. p. 17-52.

PAREKH, Bhikhu. **Rething Multiculturalism: cultural diversity and political theory.** Harvard University Press Cambridge, Massacusetts, 2002.

SOUSA, Karina A. **Corpo, transnacionalismo negro e as políticas de patrimonialização: as práticas expressivas culturais negras e o circuito afro-diaspórico.** Tese (Doutorado) 2020.



Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos. 2021, São Carlos.

SOUSA, Karina Almeida. **Unir para Festejar, Unir para Lutar**: os clubes sociais negros e o patrimônio material do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio. Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico do Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Orientador Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Clovis de Carvalho Britto. São Carlos,SP, 2018.

SILVA, Mario Medeiros. **Encontro na Encruzilhada: Literatura Negra e Sociologia do Negro. A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1969-2000)**. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2013, p. 168-248

TENÓRIO, Valéria. **“Baile do Carmo”**: Memória, sociabilidade e identidade étnico-racial em Araraquara. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

<https://www.saocarlosagora.com.br/coluna-sca/memoria-sao-carlense-flor-de-maio-uma-rica-historia-de-90-anos/97624/> acesso em 15 de abril de 2020.

**Artigo recebido em: dezembro/2021**

**Artigo aceito em: outubro/2022**